

Falta dinheiro no mercado

O Banco Central (BC) e a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) reconhecem que o mercado de crédito ainda enfrenta dificuldades. "A concessão de crédito doméstico, de maneira geral, já se normalizou, porém alguns setores ainda enfrentam restrições", diz uma nota divulgada pelo BC. "A razão é que empresas que tomavam crédito no exterior passaram a demandar crédito doméstico."

O presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Fabio Barbosa, segue a mesma linha. "Grandes empresas brasileiras que captavam no exterior, como Vale e Petrobras, agora pegam dinheiro no mercado doméstico", diz ele. "O

crédito voltou, mas não como antes. Não vai ser como antes. O mundo está desacelerando e falta dinheiro", ponderou.

Na avaliação do BC, duas medidas já adotadas pelo governo devem amenizar o problema. A primeira delas é o uso das reservas cambiais para financiar a rolagem da dívida privada externa, até um limite estimado em US\$ 36 bilhões. A outra diz respeito à liberação de US\$ 19,3 bilhões em linhas para exportação. "A crise de crédito internacional atingiu todo o mundo, inclusive o Brasil. Mas a fase aguda se deu no mês de outubro", sustenta o BC, que não descarta a implementação de novas medi-

das, caso identifique gargalos no mercado cuja origem esteja desconectada da conjuntura instável. Em outras palavras: por ora, o BC entende que as dificuldades se devem à própria crise, que fez os bancos serem naturalmente mais cautelosos na concessão de empréstimos. Se essa percepção mudar, o contra-ataque será diferente.

■ Compulsórios

O economista da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), Marcel Solimeo, avalia que o crédito melhoraria se o BC reduzisse ainda mais os depósitos compulsórios, o governo diminuísse os impostos que incidem sobre a intermediação fi-

nanceira (como IOF) e empresas de pequeno e médio porte tivessem acesso a linhas especiais de financiamento. "O crédito precisa voltar até o início do segundo trimestre para que o comércio consiga crescer de 2% a 3% este ano", disse Solimeo. O economista lembra que as consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), que refletem a disposição do consumidor de comprar a prazo, despencaram 6% em janeiro, depois de avançar apenas 1% em dezembro (época que costuma ser mais agitada para o comércio por causa do Natal). Segundo ele, dados preliminares indicam uma queda na faixa de 3% das consultas ao SPC em fevereiro.